

# UMA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO ASSENTE NA CULTURA FLUVIAL AVIEIRA

**João Monteiro Serrano**

Gabinete de Coordenação do projecto da cultura Avieira

Instituto Politécnico de Santarém, Complexo Andaluz, 2001-904 Santarém

## **Resumo**

No segundo quartel do século XIX, os pescadores *Avieiros* e as suas famílias procuraram e encontraram no rio Tejo o sustento que o oceano lhes negava no Inverno. Enfrentaram o inimaginável e construíram uma comunidade culturalmente inimitável. Perpetuaram os valores que trouxeram da origem, - a Praia da Vieira de Leiria -, e edificaram um património que testemunha a sua luta pela afirmação e pelo reconhecimento, actualmente em processo de candidatura a património nacional imaterial.

In the second quarter of the nineteenth century, *Avieiros* fishermen and their families sought and found in the Tagus river what the ocean denied them in winter. Facing the unimaginable, they settle down and built there a cohesive and culturally inimitable community. They perpetuated the values brought from their origins, the beach of *Vieira de Leiria* – in the central west coast -, and structured a cultural building that witness their struggle for affirmation and recognition, currently running in a research process with the objective of submission for national intangible heritage.

**Palavras-chave:** Património Cultural, Memória, Ensino, Identidade, Sustentabilidade

*Nómadas do rio, como os ciganos na terra, tinham vindo da Praia da Vieira e faziam vida à parte: chamavam-lhes avieiros.*

*Nunca ouvira falar de semelhante gente.*

Alves Redol: *AVIEIROS* (1942)

## **Introdução**

Os Avieiros constituem-se como uma comunidade piscatória, cujos ancestrais imigraram da Praia de Vieira de Leiria no segundo quartel do século XIX para se fixarem nas margens do rio Tejo. Os primeiros registos conhecidos da sua fixação datam de 1833, e foram recolhidos numa investigação realizada nos arquivos do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santarém (Véstia & Rafael, 2012). Aí se revelaram algumas das localidades de proveniência dos primeiros pescadores: Lavos, Ílhavo, Tocha, Vagos, Ovar, Figueira da Foz, Aveiro e, em grande número, Vieira de Leiria. Aí também se registaram nomes como os Charana, Tocha, Petinga, Lobo, Rabita, Vieira... Estão associados ou à proveniência dos pescadores – Pelarigo, Tocha, Mira, Lameira, Vieira de Leiria – todas povoações do litoral central português (Brandão, 2002, 2009), ou à identificação com homónimos avieiros que hoje habitam as aldeias e as povoações próximas para onde se deslocaram entretanto – Lobo, Petinga, Cosme, Tomás... Estão hoje estabelecidos ao longo do Tejo, desde a Póvoa de Santa Iria até Abrantes, assim como na foz do Sado, em Alcácer do Sal.

A pesquisa antroponímica em curso (Nunes, 2009) revela as ligações entre homónimos e famílias e define a sua localização ao longo do Tejo e do Sado, onde todos são aparentados.

Por razões culturais, o casamento só era permitido entre os elementos da própria comunidade Avieira. Por isso, ainda hoje aí se apresentam “níveis de solidariedade familiares consideravelmente mais intensos que as populações limítrofes, herdeiros que são de modelos comunitários de mais tardia transformação” (Lopes e Serrano, 2009).

Estes homens e estas mulheres estão na origem de uma das mais originais afirmações culturais nacionais (Girão, 1951), baseada nos laços familiares e noutros traços culturais relevantes – materiais e imateriais – como o barco, a casa palafítica, as artes de pesca, a gastronomia, a fala, a religiosidade, o traje, o folclore, os aldeamentos e outros, numa densa nuvem que actualmente está na fase de caracterização sistemática, de acordo com os princípios metodológicos da investigação-acção, que permitirão fundamentar a proposta de candidatura da cultura Avieira a património nacional imaterial.

## O barco Avieiro

O barco foi, como ainda é, o centro da vida Avieira, considerado como o instrumento decisivo para assegurar a subsistência familiar e comunitária. Os Avieiros sempre dependeram de si próprios para construir as suas embarcações. Os barcos oferecidos no dote – considerado obrigatório para o homem – eram construídos pelos pais do noivo, ou por familiares muito próximos. Não raro, eram o único pertence das novas famílias.

Quando chegaram ao Tejo, adaptaram-no para aí habitar permanentemente. Autores como *de Oliveira et al* (1988) consideram-no como uma habitação primitiva.



Figura 1. O barco como instrumento e centro da vida familiar Avieira.

Nele dormiam, à proa, cobertos por um toldo, sempre que precisavam de se deslocar para seguir os cardumes errantes, ou quando ainda não possuíam casa, ou barraca, própria. A ré era, como ainda hoje é, o local de reparação das redes, funcionando assim como oficina. No centro da embarcação, junto à emparadeira, cozinhavam as refeições durante o dia e, à noite, era aí que dormiam os filhos. A divisão destas áreas foi tão bem definida que na actualidade ainda há embarcações onde as famílias proprietárias decidiram identificá-las por cores. Para completar essa característica peculiar, decidiram também identificar a embarcação pelo seu colorido exterior, pintando os barcos de acordo com os gostos familiares. Com esse acto de escolha e aplicação de cores se individualizava o reconhecimento por parte das outras famílias da comunidade, e se afirmava uma vontade particular de afirmação, conforme com uma gramática própria, com significados e intencionalidades próprias (Serrano, 2012; Dias, 2013).

Por último, mas não por fim, os Avieiros prestam honras aos seus mortos fazendo esculpir embarcações em campas mortuárias. Para Lopes e Serrano (2009), representam “nas lápides dos túmulos (...) motivos relacionados com a actividade piscatória (barcos, redes, remos, canastras e peixes) com que o defunto trabalhou em vida, sendo o barco (...) o símbolo mítico que, mais frequentemente, acompanha o homem para o Além”.



Figura 2. Placa mortuária de José Fernandes, pescador Avieiro, e família. O túmulo está localizado no cemitério de Alpiarça. Alto-relevo com barco e peixes.

### **A casa palafítica**

A construção das casas palafíticas ocorreu quando as condições de vida dos Avieiros melhoraram o suficiente para que pudessem comprar materiais leves de construção, nomeadamente madeiras. À semelhança do barco, as casas eram feitas pelos próprios pescadores, com técnicas aprendidas na Praia de Vieira de Leiria. No litoral, as casas – ou palheiros – eram construídas assentes em estacaria, no areal. Aqui, o assentamento em pilares permitia evitar que as areias das praias, trazidas pelos ventos, as cobrissem.

Nas margens do Tejo, as casas – aqui chamadas barracas – são também assentes em estacas, ou palafitos, mas para evitar que as cheias as destruam. O interior é simples, pequeno e funcional, composto por uma sala – que serve de cozinha – e dois quartos, um para o casal e outro para as crianças. Por cima dos quartos localiza-se uma arrecadação, onde são guardadas redes e instrumentos de trabalho. A arquitectura tem a mesma matriz, no litoral e no Tejo.

O exterior também é muito simples. O acesso ao interior da habitação é garantido por uma escada. As paredes de madeira ganham consistência com a aposição vertical de ripas de madeira, para colmatar as frestas que resultam das imperfeições da madeira.



Figura 3. Barraca de Escaroupim (Salvaterra de Magos).

As tábuas eram adquiridas em serrações e escolhidas as que provinham dos primeiros cortes dos troncos de pinho, trazendo por isso muitas imperfeições. O problema resolvia-se, aplicando as tábuas na construção das paredes e vedando as fendas com a aplicação de ripas de pinho, para tapar as brechas. Tal procedimento, comum praticamente a todos os palheiros do litoral central português (De Oliveira e Galhano, 1964), acabou por conferir um traço e uma beleza inconfundíveis a estas habitações vernaculares.

À semelhança do barco, o exterior é pintado com cores escolhidas pelas famílias dos pescadores, que fazem correspondê-las às cores das embarcações, pelas mesmas razões já apontadas, aqui também se necessitando de uma gramática própria para interpretar o significado verdadeiro das escolhas (Serrano, 2012).

Dos cerca de oitenta assentamentos Avieiros existentes em meados do século XX, testemunhados pela investigadora Micaela Soares (Soares, 2013), subsistem as aldeias Avieiras de Porto da Palha (Azambuja), Palhota (Cartaxo), Escaroupim (Salvaterra de Magos), Caneiras (Santarém), Patação (Alpiarça) e Azinhaga (Golegã). Estamos em presença da única cultura palafítica fluvial da Europa, com casas palafíticas aglomeradas em aldeias – muitas delas ainda vivas – aguardando restauro e valorização.

### **As artes de pesca**

No início do século XIX vieram atraídos pelo chamamento do peixe, especialmente o sável, com alto valor comercial no mercado de Lisboa (Ilustração Portuguesa, 1916), à época e ainda hoje. Vieram na altura em que as espécies piscícolas eram abundantes no rio Tejo, o “jardim de peixe” como então o consideravam. Vieram porque o período migratório do sável, e da sua extraordinária abundância, correspondia aos meses de inverno – Janeiro a Março –, na mesma altura em que o mar da Praia da Vieira de Leiria não lhes permitia pescar.

Fugiam à fome e à enorme dureza que o litoral oceânico lhes impunha para praticar a sua forma de pescar no litoral marítimo, de cerco e alimento para terra, ou Arte-Xávega. Assim o praticaram no rio Tejo desde meados do século XIX até meados do Século XX. De tal forma foi o sável abundante nos meses de inverno que as formas de pescar eram semelhantes às praticadas no mar, com o mesmo tipo de redes, lançadas por *companhas* de vários homens e recolhidas a partir das praias, ou mouchões, do Tejo (Bento, 1987).



Figura 4. Pesca no Tejo com Arte-Xávega adaptada, em 1941 ou 1942.

Com o tempo e à medida que foram conhecendo os ecossistemas complexos do rio, e as várias espécies aqui existentes, foram aplicando novas técnicas de captura, de que resultaram redes próprias para cada local. Como consequência, criaram um conjunto de artes distintas, como as de rede, de armadilha e de anzol (Bento, 1987).

Aparelhos como o tresmalho e os tapa-esteiros; redes envolventes, como a varina, a camaroeira, as armadilhas e a tarrafa, dentre muitas outras, fazem parte de um vasto conjunto de instrumentos de trabalho produzidos para garantir a captura das espécies piscícolas existentes. Todos estes instrumentos foram e são produzidos pelos avieiros e pelas suas mulheres. Tornaram-se especialistas – eles e elas – na produção destes elaborados aparelhos, ao longo de décadas de experiência de pesca no Tejo.

### **A gastronomia**

Cada Avieiro consegue afirmar-se pelo menos por um traço distintivo em relação ao conjunto dos seus pares. Em cada assentamento procuram apresentar traços específicos distintivos – pessoais ou familiares – dos traços próprios existentes nos outros assentamentos. Isso ajuda a explicar, por exemplo, que cada pescador tenha a sua própria maneira de construir o seu barco ou a sua casa, embora fiéis à matriz originária.

Da mesma forma, em cada aldeamento há uma maneira de construir o almanaque culinário, baseado na tradição, na maneira de fazer não-escrita e transmitida de geração para geração. Os homens cozinham tão bem quanto as mulheres, e fazem questão de o manifestar. Com o trabalho de investigação em curso pretende-se atingir o objectivo de editar o Atlas Gastronómico dos Avieiros. Pretende-se que o *receituário culinário seja constituído por receitas do dia-a-dia, em casa e no barco.*

Para os investigadores, *com base no levantamento de campo das receitas Avieiras nas diversas zonas será efectuado o levantamento das características nutricionais antes e depois de cozinhado, tendo em conta o modo de preparação e analisada a distribuição de padrões alimentares nas várias zonas Avieiras do Tejo e Sado, ao longo dos tempos.*



Figura 5. Casal de Avieiros veteranos no final de uma pescaria, com uma lampreia.

São muito variadas as receitas recolhidas até à data. Exemplifica-se com a sopa de sável e sável assado na brasa; enguias fritas, enguias de escabeche, caldeirada de enguias e enguias de fricassé; arroz de sável com ovas de sável e lampreia com arroz de lampreia; sopa de linguados e linguados de fricassé; fataça na telha, jardineira de polvo e caldeirada, de entre outras, inúmeras e saborosas, e em fase de recolha e organização.

É uma gastronomia baseada nos recursos do rio Tejo e dos seus afluentes, confeccionada por homens e mulheres ao longo de gerações. Representa algo muito comum às tradições ribeirinhas do Tejo, usos e costumes passados, ligados à terra, ao rio e à natureza, adaptando-se às condições do meio e acrescentando um valor que só as comunidades com fortes tradições culturais possuem.

### **Uma proposta de desenvolvimento humano assente na cultura fluvial Avieira**

A partir do Instituto Politécnico de Santarém, está a construir-se um projecto de desenvolvimento humano, tendo como âncora a candidatura da cultura Avieira a património nacional imaterial, de acordo com quatro condições.

A primeira condição é a do investimento produtivo, obrigatório para criar uma Rota Turística e Cultural com base no Tejo, na cultura Avieira e nos traços atrás evidenciados. A segunda condição é a de se continuar a desenvolver o projecto educativo da cultura Avieira, pelo qual as crianças e as comunidades educativas ribeirinhas são convidadas a envolver-se no

(re)conhecimento da cultura Avieira. A terceira condição é que se reúnam as vontades das entidades regionais para construir um modelo assente na cooperatividade, que permita aproveitar o projecto de uma forma integrada, com base no restauro das aldeias Avieiras e no seu património. A quarta condição, que se aproxima do conceito de museu vivo, visa mobilizar as comunidades piscatórias ribeirinhas do Tejo para dar a conhecer os seus usos, costumes, e aspectos dos seus traços materiais distintivos, interagindo com os visitantes.

O contacto com as memórias vivas Avieiras – com os seus 16 porta-vozes da memória já eleitos nas comunidades, homens e mulheres, patriarcas e matriarcas, um de cada comunidade –, a aprendizagem que resulta do convívio com os membros desta sociedade matrifocal, os utensílios, as casas palafíticas restauradas, a mostra do saber-fazer organizado, a gastronomia, os recursos do rio, a paisagem natural – desconhecida e irrepetível – do rio Tejo, são vários dos traços distintivos singulares, no contexto do mosaico cultural Português e Europeu.

Trata-se de um investimento e de uma investigação multidimensional em curso, onde as componentes - material e imaterial - não se dissociam e se interpenetram, para que as bases estruturais da cultura Avieira, consubstanciadas nas memórias e nos instrumentos, possam dar-se a conhecer ao mundo, sempre com a proximidade e a participação dos membros de todas as comunidades piscatórias Avieiras, e das suas associações eleitas e representativas.

As memórias, as tradições e os legados materiais agora apresentados, são o cimento aglutinador de experiências comunitárias, e devem constituir-se como garantia de evolução, adaptabilidade e perenidade culturais, assim como de sustentabilidade.

Estas interações entre cultura e património são uma parte integrante dos fundamentos de uma renovada cultura organizacional construída de acordo com os princípios do altruísmo, da filantropia e a da cooperatividade. Daí concordarmos com Martins (2009) quando considera que o desenvolvimento humano é indissociável do património e “não é compreensível nem realizável sem o reconhecimento do papel da criação cultural, em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência” e com uma renovada atitude.

A investigação actualmente em curso assenta nos pilares apresentados e é realizada por equipas multidisciplinares, coordenadas pelo Instituto Politécnico de Santarém. Os seus resultados fundamentarão a candidatura a património nacional e apresentarão propostas fundamentadas de intervenção para garantir a valorização desta cultura e a preservação da sua autenticidade. Abrir-se-á a possibilidade de um conjunto de novas investigações, referentes às ligações culturais e patrimoniais com a cultura da Arte-Xávega, do litoral central Português.



## Referências:

- BENTO, Carlos Lopes (1987). "As tecnologias tradicionais de pesca em Portugal. O caso concreto das comunidades piscatórias dos Avieiros dos rios Tejo e Sado". In: *Que Tejo, Que Futuro?* Lisboa: Associação dos Amigos do Tejo, 1987, Pp. 153 - 165, Vol. II.
- BRANDÃO, Raul. (2002). *Os Pescadores*. Porto: Porto Editora.
- BRANDÃO, Raul. (2009). *Praia de Mira: Os Pescadores*. [1.ª Edição 1923]. Mira: Edição do Centro de Estudos do Mar e da Câmara Municipal de Mira.
- DE OLIVEIRA, Ernesto Veiga & Galhano, Fernando (1964). *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- DE OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando & PEREIRA, Benjamim. (1988). *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- DIAS, Fernando Simões (2013). *O Barco Avieiro*. Lisboa: Âncora Editora. [No prelo].
- GIRÃO, Amorim (1951). *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora.
- ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA (1916). "A Pesca do Sável". Lisboa, 31 de Janeiro de 1916, II Série, N.º 519, pp. 158-60.
- LOPES, Aurélio & SERRANO, João Monteiro (2009). *A Reconstrução do Sagrado. Religião Popular nos Avieiros da Borda d'Água*. Lisboa: Âncora Editora.
- MARTINS, Guilherme de Oliveira (2009). *Património, Herança e Memória. A Cultura Como Criação*. Lisboa: Gradiva.
- NUNES, Hermínio (2009). "Os pescadores da Praia de Mira e os pescadores da Praia da Vieira (Raízes e Relações)." Mira: Comunicação apresentada nas VII Jornadas Culturais da Gândara. Câmara Municipal de Mira.
- SERRANO, João Monteiro (2012). "A afirmação nacional da cultura Avieira. A bateira como factor identitário". In: Soares, Maria Micaela [Coord.]. Boletim Cultural N° 92, pp. 89-104. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa.
- SOARES, Maria Micaela (2013). *Retalhos da Epopeia Avieira*. Lisboa: Âncora Editora. [No prelo].
- VÉSTIA, Maria de Lurdes & RAFAEL, Emídio (2012). *Avieiros, Dores e Maleitas*. Lisboa: Âncora Editora.

## Origem das figuras:

Figura 1 – Foto pertencente ao Museu Municipal de Benavente

Figura 2 – Foto de autoria própria

Figura 3 – Foto de autoria própria

Figura 4 – "Pesca no Tejo com Arte-Xávega adaptada, em 1941 ou 1942" © Família de Pilar e Hugo Ribeiro.

In: [http://antonioanicetomonteiro.blogspot.pt/2011\\_04\\_01\\_archive.html](http://antonioanicetomonteiro.blogspot.pt/2011_04_01_archive.html)

Figura 5 – Foto de autoria própria